

O FENÔMENO DA IOTIZAÇÃO NA ESCRITA DOS ALUNOS: PROPOSTA DIDÁTICA PARA A PRODUÇÃO TEXTUAL

Josiane dos Anjos Guimarães Silva (UESC)

josianecelvf@ig.com.br

Érica Amorim Seles (UESC)

Flavione Alves Ferreira (UESC)

Nair Martinha da Silva (UESC)

RESUMO

O presente artigo expõe uma proposta de atividade didático-pedagógica para intervir nas inadequações ortográficas das produções escritas de alunos do 6º ano. É preciso desenvolver um trabalho cujo enfoque principal seja o uso da linguagem oral (ouvir, falar e interagir) e escrita (leitura e produção escrita de texto), considerando a reflexão sobre a língua e linguagem, promovendo a apropriação da leitura e da escrita no processo de ensino-aprendizagem. O ensino de ortografia é eficiente se for conduzido de forma reflexiva, fundamentado na fonética, fonologia e variação linguística, por meio de sequências didáticas. Como fundamentação teórica, utilizaremos Bortoni-Ricardo (2004), Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).

Palavras-chave: Ensino de ortografia. Iotização. Sequência didática.

1. Introdução

A escola que temos hoje, democrática, que tem o intuito de atender toda a demanda de crianças, adolescentes, jovens e adultos, de todas as camadas sociais, apresenta-se como um desafio para os educadores em suas questões pedagógicas no processo de ensino e aprendizagem. Em alguns momentos anteriores às pesquisas sobre o a ocorrência das variantes linguísticas da língua portuguesa, tínhamos dificuldade em entender o motivo de as produções textuais de nossos alunos apresentarem tantas inadequações ortográficas.

Após retrospectiva na história da educação em pesquisas bibliográficas, pudemos vislumbrar, então, que um dos fatores para o surgimento das variações etárias, regionais e sociais, entre outras, foi a democratização do ensino público. Ao se falar de variantes, é necessário não perder de vista que a língua também é um reflexo social. A escola, que antes era elitista, para alunos que tinham em seu seio familiar pessoas escolarizadas e que apresentavam familiaridade com os saberes da escola, passou então a ser aberta para as classes trabalhadoras, como pontua Bortoni-Ricardo (2004). Tal abertura trouxe uma clientela diversificada para

a escola e desde então surge a necessidade de se trabalhar as variantes linguísticas com a finalidade de incluir todas as classes sociais, garantindo o direito de todos à participação no processo de ensino e aprendizagem.

A abertura das escolas para diversas clientela nos possibilita, enquanto educadores, reconhecer a ocorrência de formas diferentes do uso da língua, abrindo-nos assim para o conhecimento das variantes linguísticas. Reconhecidamente, encontramos uma diversidade linguística muito grande em nosso país, não somente em nível de estado para estado, mas dentro de uma mesma cidade ou até de um mesmo bairro. De posse destes conhecimentos, percebemos a grande responsabilidade do educador em valorizar as variações linguísticas, promovendo o respeito e aceitação mútua. Esta postura também é um ato social, ao demonstrar que diferentes formas de comunicação são eficientes, que cada uma convém a uma determinada situação comunicativa. No entanto temos a necessidade da aprendizagem da língua padrão para termos as mesmas oportunidades na sociedade ao nos mostrarmos usuários competentes da língua. Afinal como postula Vigotsky (1998), o meio social influencia na aquisição do aprendizado do indivíduo. Desse modo, quanto mais convívio se tem com certos tipos atividades, mais imerso ele será.

Sabemos que é um desafio como educadores nos colocarmos na condição de facilitadores de um aprendizado racional e libertador, do tipo que proporcione aos nossos educandos um alçar de classe, pois mesmo com a democratização do acesso à escola, o objetivo inicial era qualificação de mão de obra trabalhadora. Legitimando o que é defendido por Freire (1991), a escola não é um lugar de neutralidade. A partir da educação é possível se pensar em transformação social, por isso o educador precisa considerar o poder da escola e repensar suas práticas pedagógicas para este fim, pois para Freire (1991), a alfabetização:

Possibilita uma leitura crítica da realidade, constitui-se como um importante instrumento de resgate da cidadania e reforça o engajamento do cidadão nos movimentos sociais que lutam pela melhoria da qualidade de vida e pela transformação social. (FREIRE, 1991, p. 68)

A fim de auxiliar melhor o processo de transformação da escola, pesquisadores em linguagem passaram a se preocupar em entender cientificamente o porquê de alguns alunos terem dificuldade com os processos de aquisição da escrita. A escrita do aluno em processo de aprendizagem é influenciada pela fala. Surgem, assim, a fonética e a fonologia para tratar da relação entre fala e escrita, dos processos da fala que influen-

ciam o aprendizado do aluno. Este, por sua vez, passa a perceber com o tempo a discrepância entre fala e escrita e que ele não pode se pautar pela fala para escrever ortograficamente correto. Assim, a fonética e a fonologia, oriundas da linguística, por meio do estudo dos sons da fala e da língua, trouxe-nos um norte que influencia o aprendizado da aquisição da escrita dos alunos. Esclareceu-nos sobre aquilo que entendíamos como inadequações sem motivo aparente, para sabermos agora que se trata de um processo sonoro que influencia a escrita com um total nexu causal.

Busca-se, portanto, com o presente trabalho, apresentar uma proposta de sequência didática à luz das variantes linguísticas, da fonética e da fonologia, para intervenção em inadequações ortográficas nas produções escritas apresentadas por alunos do 6º ano. Nossa pesquisa é de base qualitativa, de cunho bibliográfico, pois busca a resolução de um problema por meio de análise das contribuições científicas já existentes. A construção da sequência foi subsidiada pelos conhecimentos adquiridos por meio de referenciais teóricos publicados. A sequência didática apresentada, objetiva trabalhar os processos fonológicos ocorridos pela transformação de um fonema, mais precisamente o fenômeno da despalatalização ou iotização, que consiste na transformação de fonemas palatais em um nasal ou oral. Objetivamos desenvolver um trabalho cujo enfoque principal seja o uso da linguagem oral (ouvir, falar e interagir) e escrita (leitura e produção escrita de texto), considerando a análise e reflexão sobre a língua e linguagem, promovendo não somente a apropriação da leitura e da escrita, mas também o letramento, no processo de ensino-aprendizagem.

2. Fundamentação teórica

Diversos pesquisadores contribuíram e contribuem para que os educadores despertem uma visão mais ampla de que aprender a ler e a escrever são ações que devem ser articuladas em um contexto praticado socialmente, na qual alfabetizar deixa de ser simplesmente a apropriação do código escrito e da leitura em si. Observa-se o quanto já conseguimos conquistar teoricamente em questões educacionais, mas percebe-se que a efetiva aplicação ainda está aquém do ideal.

Há certa dificuldade de alguns professores apropriarem-se dos conhecimentos teóricos científicos e inseri-los efetivamente em suas práticas de sala de aula. Entendemos que a proposta da sequência didática pode contribuir para tanto, ao considerar o processo de ensino e aprendiza-

gem como uma ação que integre teoria e prática. Dada à importância de alfabetizar letrando, a sequência didática, devido sua peculiaridade interativa, dinâmica e interdisciplinar, auxilia os educadores na promoção do uso social da leitura e da escrita.

No sistema educacional público do ensino fundamental, lidamos com alunos oriundos de diversas classes sociais. Crianças que convivem no seio familiar com pais e familiares com um padrão comunicativo diferente do praticado na escola. Quando chegam ao ambiente escolar, esses alunos encontram dificuldade de adaptação à norma padrão, por esta não fazer parte do seu cotidiano. Com vistas a minimizar tal discrepância no aprendizado de nossos alunos, vislumbra-se a importância de acolhermos o modo comunicativo dos educandos, porém demonstrando para eles que existe outra forma do uso da língua, chamada padrão, tanto oral quanto escrito, que se faz importante dominarem para que detenham o poder de competitividade na sociedade em que vivem, que exige o domínio da norma culta em determinadas situações sociais.

O ensino da norma padrão é importante para oportunizar o aluno a conhecer outras maneiras de uso da língua, para que ele tenha à disposição diferentes formas de comunicação. Em alguns momentos podemos nos comunicar com a regra não padrão da modalidade oral, quando estamos em casa, entre amigos ou em situações informais. A regra padrão das modalidades oral e escrita é exigida em momentos formais de comunicação, onde se exige um maior monitoramento do uso da língua.

A consciência fonológica é uma condição necessária para a alfabetização e para o uso adequado da modalidade escrita da língua. Sendo assim, não podemos negar a importância dos estudos da fonética e da fonologia para o desenvolvimento de práticas pedagógicas relativas à escrita. Essas ciências nos oferecem um vasto referencial que explicam diversos “problemas” ortográficos encontrados em textos dos discentes, principalmente do ensino fundamental.

Um professor que se apresenta aberto aos saberes do aluno adota uma postura consciente sobre as diferenças linguísticas. Ele deve se posicionar respeitosa e ao perceber uma inadequação ortográfica, explicando ao educando que os sons da fala variam e que essas ocorrências no português na verdade são variantes da língua. Dizer que as pessoas não sabem falar e escrever corretamente é um equívoco. Os professores que justificam as inadequações como “defeitos” da fala ou da escrita contribuem para a marginalização de seus alunos.

A escola é o espaço adequado para que se criem situações por meio das quais nossos alunos possam refletir sobre as formas orais e escritas das palavras. Essa reflexão irá proporcionar uma compreensão mais consolidada do funcionamento da língua, seja nas modalidades escrita ou oral. Nos textos dos alunos, é comum a ocorrência de processos fonológicos da transformação de um fonema. A despalatalização ou iotização, por exemplo, é o nome dado ao processo em que se ocorre a transformação de fonemas palatais em um nasal ou oral. Casos como *mia* (*minha*), *trabáia* (*trabalha*), *óia* (*olha*), são exemplos dessa ocorrência. Acontece aí uma vocalização da consoante lateral palatal /lh/ (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 85). Nessas ocorrências de iotização, seja na modalidade escrita ou oral, percebemos um claro exemplo de diferença no uso da língua, não sendo, portanto, um “erro”. Do ponto de vista linguístico o erro não existe. O é possível perceber a ocorrência de diferentes formas de usar os recursos potencialmente presentes na própria língua.

Diante da realização de uma regra não padrão pelo aluno, a estratégia sugerida ao professor exige duas ações, segundo Bortoni-Ricardo (2004): identificar a diferença e conscientizar o aluno a respeito dessa diferença. Para tanto, é preciso que o professor tenha vasto conhecimento da fonética e da fonologia para saber as causas daquela ocorrência. E a conscientização decorre da necessidade de o aluno conhecer as várias formas do uso da língua, para que ele possa monitorar esse uso de acordo a situação comunicativa em que ele estará atuando. Afinal, não podemos confundir competência linguística com gramática normativa.

Seguindo esta perspectiva, a escolha dos gêneros textuais que farão parte da sequência didática é um momento importante do trabalho, pois o conhecimento de um gênero significa dominar a realização linguística do texto em situações sociais específicas. Segundo Marcuschi (2008), os gêneros textuais são:

Textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (MARCUSCHI, 2008, p. 156)

De acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), as sequências didáticas são esquemas de sistematização de conhecimentos. Servem como caminho para os educadores realizarem ações interativas dos educandos e intervenções formais nas instituições escolares, facilitando a organização da aprendizagem em geral e o desenvolvimento da apropriação

de gêneros com maior eficácia. Para os autores, a elaboração de uma sequência de atividades deve pressupor a transformação, paulatina, das capacidades iniciais dos alunos para que estes dominem o gênero, levando em consideração o aprendizado inicial dos alunos, buscando levá-los a exceder suas capacidades iniciais.

As seqüências didáticas podem ser usadas em qualquer disciplina e normalmente usam-se os conhecimentos de forma interdisciplinar. As ações são desenvolvidas em caráter modular e levam em conta tanto a oralidade quanto a escrita. Os problemas de ortografia podem ser tratados na produção escrita sem dificuldade dentro dos módulos, até na revisão final do texto para a escrita final. Para tanto, propõe-se um trabalho que aborde questões gramaticais e ortográficas, mas de maneira lógica, contextualizada e racional. Compreende fontes escritas, orais e gramaticais com base em gêneros textuais, dando um maior sentido ao aprendizado com situações reais de escrita e destino certo para suas produções. O ponto de partida da nossa seqüência didática é o método analítico da alfabetização, também chamado global, pois parte do gênero autobiografia e segue em um trabalho sistemático de variação linguística, ortografia, pontuação, escrita e reescrita de texto.

A seqüência didática que propomos apresenta como centro dos estudos da língua o gênero autobiografia, que segundo Marcuschi (2008) situa-se no domínio discursivo instrucional e interpessoal. O texto final dos alunos será divulgado em um blog, que são os diários pessoais na rede; uma escrita autobiográfica com observações diárias ou não (MARCUSCHI, 2008, p. 202). Para justificar a escolha do blog no produto final da seqüência, tomaremos as seguintes considerações:

Do ponto de vista dos gêneros realizados, a internet transmuta de maneira bastante radical entre os gêneros existentes e desenvolve alguns realmente novos. Contudo, um fato é incontestável: a internet e todos os gêneros ligados a ela são eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita. Na internet a escrita continua essencial. (MARCUSCHI, 2008, p. 199)

Dessa maneira, apresentaremos a seguir o esquema da seqüência didática, partindo-se da apresentação da situação (considerando que o gênero se acha ancorado em alguma situação concreta), produção inicial (em que os alunos farão a primeira produção textual, ou seja, a primeira versão da autobiografia), seguindo-se de cinco módulos (que trabalharão pontuação, coesão e coerência, reflexões sobre o fenômeno de iotização e variação linguística) até a produção final para a postagem no blog da escola.

3. Sequência didática de produção textual de autobiografia, observando o fenômeno de itiotização

APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO	OBJETIVO GERAL
AULA 01	
<p>Expor aos alunos os conteúdos que serão destes. Dolz, Noverraz e Schneuwly (2001) afirmam que os alunos percebem, imediatamente, quais vão trabalhar” (DOLZ; NOVERRAZ, 2001).</p> <p>Assistir ao filme “Mãos Talentosas” que conta a história de um filho de uma diarista analfabeta que se tornou um músico em fatos reais). Filme disponível em https://www.youtube.com/watch?v=GKcF...</p> <p>Após a visualização do filme, ressaltando os pontos de interesse. Fazer as seguintes perguntas: Como era a vida dele? Sua mãe conseguia ajudá-lo nas tarefas? De que forma que ele era tratado na escola? Quem era o maior neurocirurgião do mundo? Da história, o que você gostaria de preservar? É possível conseguirmos realizar tal realização de formas de conseguirmos tal realização.</p>	
AULA 2	
<p>Apresentar aos alunos a proposta da sequência didática de contar a história de vida deles em um texto escrito, assim como o filme conta a história verdadeira. Apresentar o gênero textual biografia e que ele é escrito em primeira pessoa onde o autor conta a sua própria história.</p> <p>Peculiaridades do gênero:</p> <ol style="list-style-type: none">1. Objetivo: Contar sua própria história.2. Características: apresenta informações pessoais.3. Obedece a uma ordem: cronológica ou temática.4. Os verbos podem ocorrer no passado, presente e futuro.5. A linguagem é direta, clara e objetiva.6. Emprega o padrão culto da língua. <p>Apresentar no datashow um exemplo de itiotização entre um e outro gênero, oralmente e por escrito.</p>	

<p>Deixar claro:</p> <ul style="list-style-type: none"> • O tipo de gênero que será trabalhado • A quem se dirigirá a produção (aluno) • Que forma assumirá a produção (auto) • Quem participará da produção (todos) <p>Esclarecer que para que aconteça a divulgação que trabalhar bem o texto, em várias etapas serem trabalhadas e esclarece a flexibilidade que surgirem ao longo do desenvolvimento.</p> <p>Há algumas diferenças na forma que falamos, devemos empregar uma determinada forma caso da proposta em questão, que será divulgada em padrão, à qual irão se adequando ao desenvolvimento das etapas propostas para a organização do texto. Trabalhar seguindo as etapas propostas.</p>	
CONTEÚDOS	
<ul style="list-style-type: none"> • Gênero textual: Autobiografia; • Leitura e interpretação de texto; • Produção Textual; • Estrutura Textual; • Coerência e coesão; • Ortografia. 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver um trabalho cujo enfoque principal seja o uso da linguagem oral (ouvir, falar e interagir) e escrita (leitura e produção escrita de texto), considerando a análise reflexiva sobre a língua e linguagem, promovendo não somente a apropriação da leitura e da escrita, mas também o letramento, no processo de ensino-aprendizagem.
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	METODOLOGIA
<p>Desenvolver a capacidade de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Produzir uma autobiografia; • Revisar textos em parceria com os colegas ou individualmente; • Participar de situação de leitura; • Trabalhar habilidades de organização de ideias por meio da escrita do texto autobiográfico; • Revisar textos do ponto de vista or- 	<ul style="list-style-type: none"> • Aula expositiva: promoção de diálogo professor x alunos; aluno x professor; aluno x aluno; • Atividades individuais e em dupla; • Exposição de filme; • Trabalho com poema; • Roda de conversa sobre o entendimento do poema, filme trabalhados e assuntos correlatos à produção textual; • Produção textual individual; • Publicação do texto final no blog da escola.

tográfico;	
<ul style="list-style-type: none">• Reconhecer diversidades textuais e os contextos de uso.	

PRODUÇÃO INICIAL (MÓDULOS 1,2,3,4 E 5)

AULA 3

Após a apresentação da situação, propor que realizem a escrita da autobiografia. Segundo Dolz, Noverraz e Schnewly (2004), a produção “permite ao professor avaliar as capacidades já adquiridas e ajustar as atividades e os exercícios previstos às possibilidades e dificuldades reais de uma turma” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 100).

Trabalhar os elementos de estrutura do texto e ordem cronológica. Apresentar de preferência em datashow:

- Uma autobiografia em forma de poema (estrutura em verso). Retomar o que é verso e o que é estrofe. Demonstrar as peculiaridades do poema.
- Uma autobiografia em prosa (a mesma trabalhada anteriormente) e solicitar que façam a distinção oralmente do que eles visualizam na diferença estrutural de um e de outro texto. Pontuar a observação das margens esquerda e direita, recuo de escrita inicial, letra maiúsculas, a introdução, o desenvolvimento e a conclusão, que devem estar presentes em forma de parágrafos em suas produções. Texto disponível em http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/colet_m1.pdf (Acesso out. 2015).

Entregar uma atividade contendo a autobiografia em prosa, com a ordem dos fatos apresentadas fora da ordem cronológica, para que os alunos enumerem e reescrevam conforme o texto inicial, observando os elementos de estrutura (margens, recuo, organização cronológica, entre outros).

Ao término da atividade, realizar a correção coletiva e verificar se tiveram dificuldade ou não. Conversar sobre a importância da organização das ideias, da sequência de fatos da ordem do texto, para que o nosso interlocutor consiga entendê-lo. Explicar que escrevemos o texto para alguém que vai ler e este precisa estar claro e organizado o suficiente.

AULA 4

Trabalhar elementos de coesão e de coerência dos textos dos alunos, selecionando trechos dos seus textos sem identificação de autoria (como é uma autobiografia, atribuir nomes fictícios para não gerar nenhum constrangimento). Recortá-los (escrever os trechos) e expor em lâminas de projeção ou datashow. Ler juntamente com os alunos fazendo perguntas do tipo: A mensagem a ser passada está clara? Há uma forma de melhorarmos o entendimento do que se queria dizer? De que forma podemos fazer isso?

Após a análise oral coletiva dos trechos, pedir que reescrevam os trechos no caderno na melhor forma que consigam comunicar o que se queria dizer (individualmente).

AULA 5

Pontuação. Conversar com os alunos que quando falamos algo utilizamos os recursos do tom de voz, expressões, gestos, entre outros elementos. No caso dos textos escritos, para que nos façamos entender, faz-se necessário pontuarmos o texto adequadamente, pois os sinais de pontuação funcionam como o tom de voz, expressões e gestos na fala. Sem os sinais, todo o sentido do texto pode ser comprometido.

Distribuir uma atividade contendo os sinais de pontuação (revisar) e o texto “A herança”. Texto disponível em <http://www.recantodasletras.com.br/mensagens/1094968> (Último acesso out. 2015). Ler a atividade com os alunos explicando os pontos principais. Comentar: É possível saber para quem o falecido deixou sua fortuna? Por quê? O que prejudicou o

entendimento do texto escrito pelo homem rico?

Realizar a correção no quadro da atividade.

AULA 6

Para introduzir o trabalho com a iotização (certamente identificada em alguns textos dos alunos) perguntar: Alguém já ouviu falar em variantes linguísticas? O que vocês entendem por variantes linguísticas?

Talvez alguém tenha uma noção do que seja, mas não tão aprofundada. Levar os alunos à sala de informática da escola e solicitar que pesquisem sobre o assunto de forma que consigam responder as perguntas:

- O que é variação linguística?
- Quais variantes são possíveis observar em nossa língua?
- Cite exemplo de variação linguística.
- Podemos dizer que uma ou outra forma de escrever ou falar é “certa” ou “errada”? Por quê?
- Qual a importância de conhecermos as variantes linguísticas?

Após a pesquisa, retornar para a sala de aula, promover uma discussão sobre o assunto e permitir que socializem suas pesquisas.

Acentuar o respeito que devemos ter com as variantes linguísticas e que não existe uma melhor ou pior forma de se falar, apenas diferentes, que cada situação de comunicação pode suscitar uma forma adequada de nos comunicarmos.

Expandir a discussão sobre variação linguística. Explicar melhor a expressão e apresentar o slide do link: <http://pt.slideshare.net/marciasimone3/aula-04-variacao-linguistica> (Último acesso out. 2015). Deixar claro o respeito às variantes, mas explicitar a importância de dominar a variante padrão.

Para consolidar o entendimento do assunto e introduzir o trabalho com a iotização identificada nos textos, apresentar a atividade contendo a Autobiografia de Marcos contendo palavras similares as que os alunos escreveram. A despalatalização ou iotização é o nome dado ao processo em que se ocorre a transformação de fonemas palatais em um nasal ou oral. Casos como *teio (tenho)* do texto que veremos a seguir é um exemplo dessa ocorrência. Acontece aí uma vocalização da consoante lateral palatal /lh/.

AUTOBIOGRAFIA

Mi chamu Marcos Santos Silva, naci em Porto Seguro na Bahia. Teio 13 anos. Moro cum meu pai, mia mãe e meus irmau. Trabaio na oficina de bicreta na esquina aqui di caza. Goto de dança aroxa e sai com meus amigu.

Perguntar em que tipo de variante o texto foi escrito. Após termos trabalhado sobre variantes linguísticas, o que você diria da escrita de Marcos em sua autobiografia? Podemos dizer se está certa ou errada? Explique com base no que trabalhamos.

Após discussão, solicitar que reescrevam o texto, utilizando a variante padrão. Disponibilizar dicionário e permitir que realizem a atividade em dupla.

Deixar que dois ou três alunos dirijam-se até ao quadro e juntos corrijam a atividade.

Escrever novamente trechos dos textos dos alunos (tendo os mesmos cuidados como no trabalho anterior com elementos de coesão e coerência). Entregar os trechos dos textos em papel ofício para que os alunos em dupla os reescrevam, observando a pontuação e a variação.

AULA 7

Este é o momento de *capitalizar as aquisições*. Em roda de conversa, relembrar oralmente com os alunos todos os assuntos que trabalharam desde o primeiro dia de aplicação da sequência didática.

Entregar a atividade de “capitalização de aquisições” para que os alunos em grupos de 04 alunos realizem a síntese do que trabalharam por escrito.

O QUE

O QUE APRENDEMOS?

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

TRABALHAMOS?	
<p>Qual gênero textual?</p> <p><i>Autobiografia</i></p>	<p><i>Função do gênero: O autor contar a sua própria história de vida;</i></p> <p><i>Características: apresenta informações pessoais;</i></p> <p><i>Obedece a uma ordem: cronológica ou de importância;</i></p> <p><i>Os verbos podem ocorrer no passado, presente e futuro;</i></p> <p><i>A linguagem é direta, clara e objetiva;</i></p> <p><i>Emprega a variante padrão da língua.</i></p>
<p>Para quem escrever?</p> <p><i>Para os alunos da escola, professores, funcionários e pais.</i></p>	<p>Como devemos escrever?</p> <p><i>Com a maior clareza possível, analisando tudo o que for escrito, lendo e relendo, quantas vezes for preciso, para que os interlocutores consigam entender precisamente o que queremos dizer.</i></p>
<p>Destino do texto?</p> <p><i>Blog da Escola</i></p>	<p>Qual a responsabilidade da escola ao publicar textos dos alunos? Qual a variante linguística da escola?</p> <p><i>A escola é responsável pela aprendizagem da variante padrão, pois é através do domínio desta que eles terão condição de competitividade frente às demandas sociais às quais defrontarão ao longo de suas vidas, portanto suas publicações devem transparecer o trabalho eficiente em sala de aula.</i></p>
<p>Texto em prosa e em verso</p>	<p>Qual a diferença entre um e outro?</p> <p><i>A maior parte dos textos que escrevemos é escrito em prosa: cartas, bilhetes, histórias em geral. São os textos que utilizam toda a pauta e são divididos em parágrafos. Já os textos em versos são os poemas e as músicas, que normalmente denotam poesias rimadas ou não. São divididos em versos: linha e estrofes: conjunto de linhas.</i></p>
<p>Pontuação</p>	<p>Qual a importância? Explique.</p> <p><i>É um dos elementos de maior importância para dar sentido ao texto. Sem ela não conseguimos nos fazer entender pelo interlocutor dos nossos textos, que poderão interpretá-los de forma diferente da qual gostaríamos nos fazer entender.</i></p>
<p>Variante linguística</p>	<p>O que é? Existe uma melhor ou pior?</p> <p><i>São formas variadas de se comunicar dentro de um mesmo sistema linguístico. Não podemos considerar uma melhor ou pior que a outra, apenas diferentes.</i></p>
<p>Para que servem os conhecimentos trabalhados na sequência didática?</p>	<p><i>Resposta pessoal</i></p>

PRODUÇÃO FINAL

AULA 8

Para a realização da produção final, solicitar aos alunos que, de posse de todos os conhecimentos trabalhados em sala de aula ao longo do desenvolvimento da sequência didática, reescrevam seus textos observando a necessidade de trabalhar os elementos de estrutura, coesão, coerência, ortografia, pontuação, entre outros. O professor deverá circular pela sala orientando os alunos a consultarem o caderno e o material que trabalharam na sala de aula.

Trabalhar diretamente a escrita dos alunos até o ponto necessário, para que todos tenham conseguido atingir seus objetivos.

Se for preciso, trocar os textos com um dos colegas depois de reescritos, para que estes pontuem oralmente se há algo no texto do colega que está prejudicando o entendimento e o que precisa adequar (avisar que o máximo que poderão fazer no texto do colega é marcar a lápis o que deseja pontuar após a leitura).

Após a elaboração e reelaboração das autobiografias, ir até a sala de informática com a turma para publicar os textos no blog da escola.

Divulgar o blog entre alunos, funcionários, educadores e pais para que estes acessem e tenham conhecimento do trabalho.

AVALIAÇÃO

A avaliação será concebida com questionários, comentários, análise da expressão oral e produção textual.

RECURSOS

Notebook, caixa de som, datashow, scanner ou retroprojetor (para capturar ou expor os textos), lousa, pilotos coloridos (quadro e cartaz), cartolina, lápis de cor, diversidade de gêneros textuais (propaganda de loja, livro, jornal, revista, DVD, carta, bilhete, crônica, história em quadrinho, resenha...), folhas de sulfite, cópias da música impressa (suficiente para todos os alunos).

4. Considerações finais

Reconhecidamente, não há como negar a diversidade linguística do nosso país. Logo, é grande a responsabilidade do educador em apreciar as variações linguísticas, promovendo o respeito e aceitação mútua. Esta postura também é um ato social, demonstrando para os educandos que as diferentes formas de comunicação são eficientes, mas que o aprendizado da língua padrão também se faz necessário. Isso é o que acreditamos ser um ensino culturalmente sensível, tendo em vista a pluralidade cultural. As aulas de língua materna deverão ir além do ensino do sistema da língua, das ações comunicativas e informacionais, ao se considerar o poder da educação como transformadora social.

Do ponto de vista teórico, podemos concluir que a proposta de trabalho em sequências didáticas: compreende a língua como um conjunto de práticas sociais; não separa a oralidade da escrita como se fossem dois domínios dicotômicos; não neutraliza o trabalho com a língua; proporciona ao aluno conscientizar-se para que ele desenvolva um trabalho mais claro e autorregulado na produção textual escrita; possibilita ao professor identificar problemas específicos e acompanhar as produções escritas individualmente.

Para empreender um trabalho eficiente, voltado para a formação do aluno de forma que ele viva ativamente na sociedade, é preciso que a

escola ofereça atividades didáticas voltadas para o desenvolvimento de habilidades de leitura, oralidade e escrita, considerando as reflexões sobre a língua e linguagem, a fim de tornar o aluno um competente usuário da língua em diversas situações comunicativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

BRASIL, LDB. Lei 9394/96 – *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização & linguística*. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2004.

CARVALHO, Marlene. *Guia prático do alfabetizador*. São Paulo: Ática: 2000.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: _____. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. e org.: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004, p. 21-39.

FREIRE, Paulo. *Educação na cidade*. São Paulo: Cortez, 1991.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção de texto, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

VYGOTSKY, L. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.